

DOSSIÊ | Michel de Certeau [em uso]

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.148929>

Apresentação

Fernanda Arêas Peixoto
e Julia Ruiz Di Giovanni

▲ Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

✉ fareaspeixoto@gmail.com e judigiovanni@gmail.com

A abertura teórica da antropologia em relação a novos campos e domínios, notável nos últimos anos, vem acompanhada da releitura de textos e autores algo deixados de lado, em uma tentativa de reintroduzi-los nos debates recentes da disciplina. A obra de Michel de Certeau (1925-1986) é uma das que vem sendo reavaliadas em função das sugestões que lança para a(s) antropologia(s) que fazemos hoje. Desse modo, somando-se aos esforços de “repensar a antropologia”, nos conhecidos termos de Leach, este dossiê reúne reflexões em torno dos usos contemporâneos de diferentes faces da produção de Certeau¹. Em lugar de proceder a uma apresentação sistemática do autor e de sua obra, a motivação dos textos aqui reunidos é experimentar apropriações criativas (e criadoras) dos seus escritos, a cargo de pesquisadores de distintas formações e áreas de atuação – todos eles leitores mais que especialistas em sua obra. Pensar *com* Michel de Certeau, teorias, métodos e questões contemporâneas, indagando o seu alcance e potencialidades para a reflexão atual: eis o objetivo primeiro deste dossiê².

Não parece demais insistir sobre o caráter plural da obra de Michel de Certeau, que desafia classificações preestabelecidas, bem como o seu perfil múltiplo, construído em função de inserções em grupos diversos e do cruzamento, muitas vezes improvável, de disciplinas e perspectivas. Jesuíta e historiador; antropólogo e teórico da linguagem; erudito, etnógrafo e militante político empenhado: todas essas designações jogam luz sobre aspectos de seu perfil, mostrando-se, ao mesmo tempo, sempre insuficientes. Não por acaso, os estudiosos de sua obra insistem nas imagens do “homem de fronteira” ou do “viajante”, aquele que se desloca entre saberes e instituições, sempre dentro e fora de cada um deles, em função do exercício permanente de uma perspectiva crítica que perturba e desestabiliza trilhas consolidadas. Sua disposição para arriscar caminhos não

1 Os textos foram originalmente elaborados para o Colóquio Internacional Michel de Certeau [em uso], realizado na Universidade de São Paulo, entre 19 e 21 de setembro de 2016, pelo Coletivo ASA – Artes, Saberes e Antropologia, grupo de pesquisa vinculado ao Departamento de Antropologia da FFLCH/USP. Do colóquio participaram os autores que integram o dossiê (à exceção de Barbara Glowczewski), além de André Mesquita (historiador, Red Conceptualismos Sur); Carlos Zeron (historiador, USP); Danilo Paiva Ramos (antropólogo, UFBA); Diana Vidal (Filosofia e Ciência da Educação, USP); Luce Giard (pesquisadora emérita, CNRS-EHESS); Mário Eduardo Costa Pereira (psicanalista, UNICAMP) e Stephen Wright (European School of Visual Arts).

2 Para uma compreensão mais circunstanciada da obra de Michel de Certeau remetemos o leitor às apresentações feitas por Luce Giard aos volumes: *Histoire et psychanalyse*, Paris, Éditions du Seuil, 1987 (“Un chemin non tracé”); *La faiblesse de croire*, Paris, Éditions du Seuil,

previamente traçados encontra-se refletida nos alcances de sua produção, que oferece sugestões para diferentes domínios: história, antropologia, psicanálise, educação, linguística, arquitetura e urbanismo, entre outras. No mesmo sentido, são notáveis as ressonâncias de suas ideias fora dos limites universitários, fundamentalmente nos campos das artes e da política.

Certeau iniciou sua obra como erudito e historiador da religião no interior da Companhia de Jesus, a que permaneceu vinculado por toda a vida. Fiel às escolhas e preocupações primeiras (o cristianismo e a análise exegética rigorosa), o autor desenvolveu seus estudos e reflexões em intenso diálogo com algumas das experiências intelectuais mais importantes do século XX: os desdobramentos da linguística em direção aos aspectos performativos da linguagem e aos debates sobre as políticas das línguas; as reformulações críticas do fazer historiográfico (que o lançam na direção da escrita e da epistemologia da história); as releituras da psicanálise freudiana (que ele segue de perto em função de sua aproximação da Escola Freudiana de Paris, idealizada por Lacan); as expansões e críticas ao estruturalismo, dentro e fora da França. Seu interesse pelo cotidiano, por sua vez, leva-o à releitura de perspectivas filosóficas atentas às linguagens e à vida comum, bem como ao diálogo crítico com seus contemporâneos, como Pierre Bourdieu e Michel Foucault.

Vale assinalar que as elaborações teóricas do autor foram tocadas pelos processos políticos relevantes de seu tempo. Certeau deixa-se impactar por maio de 1968 na França e seus desdobramentos e pelas experiências de resistência às ditaduras militares na América Latina, mas igualmente pelas transformações da chamada cultura popular nas sociedades industriais – sobre as quais refletiu a partir de suas viagens ao continente americano, Brasil inclusive, na segunda metade dos anos 1960. O período como professor na Universidade da Califórnia (San Diego), entre 1978 e 1984, por sua vez, promoverá inflexões inéditas em seu percurso, em função das interlocuções ali abertas e dos novos aportes que elas promovem às suas pesquisas sobre a pluralidade cultural e a cultura de massa.

Construída no compasso entre a erudição e o trabalho minucioso com as fontes; entre as cogitações teóricas e a pesquisa empírica detalhada; entre o recuo histórico e uma reflexão sobre o tempo presente no qual busca intervir intelectual e politicamente, a obra de Michel de Certeau extrapola campos específicos. Graças ao trânsito entre universos e modos de análise, o autor oferece inspirações teóricas e metodológicas a toda investigação interessada em capturar dimensões fugidias da vida social – tais como as formas múltiplas que a experiência cotidiana assume na cidade e as práticas inventivas implicadas em diversas modalidades de consumo cultural: práticas de leitura, modos de crer, maneiras de caminhar, morar, cozinhar etc. Parece, assim, impossível revisitar sua obra sem uma disposição generosa para percorrer as derivas transdisciplina-

1987; *L'invention du quotidien 1*, Arts de faire, Paris, Gallimard, 1990; *L'invention du quotidien 2*. Habiter, cuisinier, Paris, Gallimard, 1994; *La prise de parole et autres écrits politiques*, Paris, Éditions du Seuil, 1994; *La fable mystique II*, Paris, Gallimard, 2013. Indicamos ainda, entre outros, a coletânea *Le Voyage mystique*, Recherches des sciences religieuses, 1998 e a tese de Andrés Freijomil, *Arts de braconner. Pratiques de la lecture chez Michel de Certeau*, EHESS, 2011. Uma biografia de Certeau foi escrita por François Dosse, *Michel de Certeau, le marcheur blessé*, Paris, La Découverte, 2002.

res que seu pensamento convida a experimentar.

A produção de Certeau, sem dúvida, conta com uma intensa circulação, que reverbera nos quatro cantos do mundo, em muitos idiomas. Seus livros receberam muitas traduções; sua trajetória foi marcada por deslocamentos como professor e pesquisador por diversos países da Europa e das Américas; inúmeros grupos se formaram dedicados à difusão de suas ideias e surgiram as mais variadas iniciativas inspiradas em suas formulações³. Não por acaso, o seminário em sua homenagem quando se completaram 30 anos desde sua morte, realizado em 2016 e organizado por sua maior colaboradora, Luce Giard, teve como título *A viagem da obra* e reuniu pesquisadores de diferentes continentes⁴. No Brasil, Michel de Certeau foi e continua sendo lido, traduzido e comentado, figurando nas bibliografias de teses e cursos universitários. Se isso é verdade, poucos foram, salvo engano, os esforços realizados entre nós de aferição atenta de suas ideias. Esta é efetivamente a motivação maior do presente dossiê que, com o auxílio de pesquisadores de distintas áreas e formações, pretende apresentar algumas dessas ideias *em uso* (razão do título escolhido), mostrando como as formulações do autor repercutem em pesquisas atuais.

As noções de tática e de *braconnage*, centrais na reflexão de Certeau, são exploradas de modo distintos e a partir de inspirações teóricas diferentes pelos artigos de Laurent Vidal (“O tempo encantado ou as astúcias dos homens lentos – Um ‘hipócrita’ diálogo com Michel de Certeau”) e Rogerio Proença Leite (“Modos insubmissos de viver – Barcelona aos passos de Michel de Certeau”), ambos repousando o foco de suas análises sobre cenários urbanos. O primeiro artigo está interessado nas cidades portuárias (Rio de Janeiro e Nova Orleans) e nos tempos de espera, aproveitados astuciosamente pelos trabalhadores em suas práticas e criações musicais, que logram subverter o ritmo acelerado do mundo e do trabalho industriais. O segundo artigo examina processos de *gentrificação* de modo a explorar os contra-usos da cidade (neste caso, Barcelona) e projeta uma visada crítica sobre as cidades contemporâneas.

Resistências, persistências e ações de ruas são examinadas por Julia Ruiz Di Giovanni em seu artigo “Fazer corpo como tomar a Bastilha”. A partir de um exame das ideias de Certeau sobre a centralidade do corpo para uma perspectiva das práticas, a autora interroga o gesto político tendo como foco o movimento dos estudantes secundaristas em São Paulo, em 2015. A noção de prática volta à baila no artigo de Fernanda Arêas Peixoto, “Relembrar Michel de Certeau”, que além de sugerir afinidades entre ele, Tim Ingold e Michael Herzfeld, realiza um exercício autorreflexivo, perscrutando como as leituras de Certeau redefiniram o seu próprio trabalho.

O ensaio de Barbara Glowczewski, que abre o volume, possui deliberada dicção autobiográfica. De modo sucinto e imagético, o texto se debruça sobre a

3 Por exemplo, o grupo italiano *Prendere la Parola*, que reúne pesquisadores de diversas formações (teologia, história, semiótica e estudos culturais) em torno do estudo da obra do autor, disponibilizando em uma plataforma online traduções e informações sobre publicações, pesquisas e eventos dedicados ao trabalho de Certeau (ver: <http://www.micheldecerteau.eu>, acesso em 11 de julho de 2018) e a revista *Historia y grafia*, da Universidad Iberoamericana, criada em 1994 sob inspiração direta do autor (ver: <http://www.revistahistoriaygrafia.com.mx>, acesso em 11 de julho de 2018).

4 O Colóquio *Michel de Certeau: Le voyage de l'œuvre*, realizado trinta anos após o falecimento do autor (9 de janeiro de 1986), teve lugar no Centre Sèvres em Paris, de 10 a 12 de março de 2016, tendo dado origem a um volume de mesmo título, organizado por Luce Giard e editado pela Éditions Facultés Jésuites de Paris, em 2017.

experiência da antropóloga como aluna e orientanda de mestrado de Certeau e, ao fazê-lo, descortina a cena universitária parisiense dos anos 1970 e os rumos tomados por sua antropologia a partir de então. O artigo de Temístocles Cezar, por sua vez, com tom francamente historiográfico, incita um diálogo com os antropólogos sobre a escrita da história (e da antropologia) e sobre os regimes de temporalidade, interpelando uma reflexão sobre o tempo e a memória.

Os seis artigos reunidos neste dossiê dão apenas uma pequena amostra das possibilidades oferecidas pelas ideias de Michel de Certeau. Esperamos que eles contribuam para inspirar novas incursões em sua obra, fazendo proliferar leituras e criações.

Quanto à imagem de Alicia Esteves que acompanha o dossiê, sua escolha deve-se ao modo como ela guarda afinidades com aspectos fundamentais da reflexão do autor: sua predileção pelas táticas inventivas e insubmissas; seu foco na rua como solo onde as criações proliferam; seu interesse pelos corpos e gestos, seja o do leitor diante do livro, o do transeunte ao descrever um percurso ou o do ativista em praça pública.